



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



*Discurso na cerimônia de entrega de
chaves de apartamentos no Conjunto
Residencial São Cristóvão*

OSASCO, SP, 24 DE JUNHO DE 1998

Meu caro amigo Governador, grande Governador de São Paulo, Mário Covas; Senhores Ministros de Estado que me acompanham; Ministro do Trabalho que aqui está, Doutor Amadeo; Ministro do Planejamento, Pau-lo Paiva; Senhor Prefeito de Osasco, Silas; O ex-Prefeito, que está aqui; Presidente da Caixa Econômica, Sérgio Cutolo; Senhores Prefeitos de vá-rias regiões, vários municípios -- não vou citar cada um porque há muitos aqui presentes, de toda esta Grande São Paulo, tão querida de todos nós; Senhores Deputados, Vereadores; Mas, o mais importante de tudo, e isso disse o Senhor Governador, é o morador: as mulheres que aqui estão, as crianças, os jovens, os mais idosos que estão lá atrás, este povo bom, da minha querida São Paulo,

O Governador Mário Covas sabe que não sou bom de discurso, gosto de conversar. Vim aqui senão para conversar com vocês. E conversar, se me permitem, me sentindo em casa, porque esta Osasco é muito querida minha. Conheço de muitas e muitas décadas, antes que Osasco fosse Osasco, antes de haver o Município de Osasco.

Então é uma grande alegria me encontrar com Mário Covas, mais uma vez, nesta terra querida de Osasco. Não vou repetir os números que foram ditos aqui, são muitos e cansam a gente. A gente não guarda número, mas está se vendo que o Governo está trabalhando, e não está trabalhando agora, não, vem trabalhando há muito tempo.

E não é o Governo Federal sozinho não, é o Governo Federal junto com o governo do Estado de São Paulo, de mãos dadas, porque, no Brasil de hoje, não se pode fazer mais nada sozinho, nós temos que estar juntos – Governo Federal, governo municipal, governo estadual e, sobretudo, as associações de moradores, os sindicatos, as associações de idosos, as mulheres. É preciso que haja uma grande unidade no País, para que possamos fazer com que o sonho de cada um de nós se realize. E é claro que a casa própria é o sonho de todo brasileiro, de toda brasileira.

É por isso que fiz questão de vir aqui, neste conjunto, que é um conjunto bonito e que vai servir a uma porção de famílias. Por isso, também, neste momento estamos fazendo o que nós fazemos como rotina – sem fazer barulho –, assinar convênio com a CDHU, com várias outras instituições, porque o Brasil, para caminhar, precisa disso, de trabalho contínuo.

Se há alguma culpa que o Governador Covas e eu temos é a de que nós não gritamos sobre o que nós fazemos. Fazemos pouco barulho sobre o que nós fazemos. Mas não precisa, porque de quem faz muito barulho o povo desconfia. O barulho tem que vir é do aplauso do povo na hora certa, tem que vir é do reconhecimento do trabalho sério, tem que vir quando o País inteiro sabe que esses governos, o de São Paulo e o da União, são governos honrados, porque aqui não há ladrões, aqui não há gente desonesta, aqui não há escândalos, aqui há trabalho sério em benefício do País.

E com esse espírito, sem nenhuma demagogia, o Governo Federal, no ano de 95, não pôde fazer quase nada. Sabem por quê? Porque o Brasil estava muito desorganizado. Nós tivemos que recuperar a Caixa Econômica, como o Governador Mário Covas teve que recuperar as instituições aqui de São Paulo, a Nossa Caixa, a CDHU e tudo mais. Nós trabalhamos na surdina para reorganizar a Caixa Econômica. Mas,

depois de 96 e 97, o Governo Federal colocou 8 bilhões e 300 milhões de reais na mão dos usuários, através dos governos estaduais e dos municípios.

Não é propósito do Governo Federal fazer casa e botar uma placa com nome, não. O propósito é que a pessoa tenha a casa. E, com esses projetos, 8 bilhões é bastante dinheiro. Esse dinheiro não foi só para casa, não. Uma boa parte desse dinheiro vai estar nos encanamentos, nos tubos que dão água e esgoto para a população brasileira. No conjunto, foram 35 milhões de pessoas atendidas nesses dois anos.

Ouvi outro dia o Governador Mário Covas falando em um programa, creio que se chamava *Roda Viva*. Alguém perguntou: "E como é que vai ser a situação da água encanada em São Paulo?" Ele deu um dado impressionante: no fim do governo, 95% da população de São Paulo terá água encanada, 70% terá esgoto tratado, se não me falha a memória sobre os números que foram ditos. É muita coisa.

E o trabalho, quando se faz saneamento básico, ninguém vê, mas o índice de queda da mortalidade infantil mostra o resultado. No Brasil, nós diminuímos drasticamente a mortalidade infantil. Nas zonas mais pobres do Nordeste do Brasil – eu vou lá e conheço, não é de ver no jornal não, nem de descrever o que não sei –, a queda é de 40% nas zonas mais pobres. Drástica, rápida. Por quê? Porque nós estamos dando atenção não é à obra, é ao povo. O que interessa é a pessoa, o que interessa é o cidadão. Nós não queremos fazer pirâmides, não; nós queremos fazer obras, sim, mas que tenham efeito para o povo. E, por isso mesmo, nós não ficamos fazendo barulho sobre obras. Muitas vezes, são bonitas, vistosas, mas não atendem ao povo.

Pois bem, agora, nós vamos dar um novo passo na questão da habitação. Por isso, vim a São Paulo. Fiz questão de vir a São Paulo porque o Governador Covas está fazendo mais casas para a população de São Paulo do que jamais foi feito na história deste estado. Então, era justo que eu viesse aqui, viesse a Osasco, para dizer que o Governo Federal vai colocar mais recursos e melhores condições para atender ao problema da habitação popular. Vou dar alguns números: nós vamos viabilizar cerca de 6 bilhões de reais.

Eu disse que, em 96 e 97, nós gastamos 8 bilhões e 300 milhões. Pois bem, nós, agora, conseguimos, graças a um esforço conjunto da Caixa Econômica e do Ministério do Planejamento com a SEPURB, viabilizar para esse próximo ano, para os próximos meses e para o próximo ano, 6 bilhões de reais. E quase tudo que se viabilizou nos dois últimos anos. E, com isso, nós vamos poder atender a 250 mil famílias brasileiras.

Agora, esta continuidade da preocupação com as pessoas não pode ser deslocada da outra preocupação que o Governo tem com as pessoas, que é o emprego. E nada gera emprego mais depressa do que a construção civil. É por isso que nós estamos acelerando esse conjunto de esforços, para que possamos, imediatamente, também gerar mais emprego, através da criação de postos de trabalho na construção civil.

Mas também queria dizer ao Governador e, dizendo a ele, digo a todo o Brasil, que não apenas a Caixa Econômica estará viabilizando esses recursos do Governo Federal. As instruções baixadas pelo Ministério do Planejamento e pela Caixa Econômica vão permitir alguma coisa de importante. Primeiro: nós vamos poder financiar diretamente os sindicatos, as associações de moradores, as associações de classe para que eles promovam a construção da casa própria. É um passo importante daquela união que tem que haver entre o Governo e a sociedade.

E nós todos sabemos, também, que a taxa de juros atormenta os brasileiros. Fui obrigado a levantar, fortemente, a taxa de juros no ano passado, em outubro, porque não sou irresponsável. Naquele momento disse que, entre a minha popularidade e o Brasil, fico com o Brasil e faço o que for necessário para salvar a economia do Brasil. Fiz aquilo que é penoso, aquilo que é duro. Dobrei as taxas de juros. Sabem por quê? Porque, se não tivesse feito isso, a economia do Brasil teria a sua moeda abalada. E quando a moeda é desvalorizada, quem perde é o salário do trabalhador. E quem vive pedindo que se desvalorize a moeda não disse ao povo que, na mesma proporção em que a moeda se desvaloriza, diminui o salário, e a capacidade de compra cai na mesma proporção.

Então, quando defendo o Real – e defendo, tenho capacidade, não eu, mas o Governo tem, os que estão junto conosco têm –, nós estamos defendendo o salário do trabalhador. E quem fica cacarejando aí o que

não sabe – que precisa desvalorizar – é porque não tem apreço pelo trabalho. Fica pensando na exportação, mas se esquece de que o trabalhador é quem vai pagar o preço de uma maior exportação, feita não à custa, se fosse o caso, da melhoria da produtividade, senão que à custa da desvalorização da moeda. Não vamos desvalorizar moeda nenhuma, porque o Brasil preza o trabalhador, preza o trabalho, preza o salário.

E, para não desvalorizar a moeda, nós dobraramos a taxa de juros. Todo mundo gritou. Compreendo que gritem, comprehendo que quem vai comprar à prestação reclame. Mas não comprehendo que quem pretende dirigir um país ou pessoas que são, aparentemente, competentes não percebam – percebem, mas não dizem – que ou se fazia o que fiz, ou aconteceria com o Brasil o que aconteceu com a Indonésia. Leiam os jornais de hoje: o desemprego quadruplicou na Indonésia e foi para 20% da força de trabalho, porque não desvalorizaram a moeda no tempo oportuno, não tiveram a coragem de fazer a defesa da moeda e não aumentar a taxa de juros. Aqui, não. Sei que isso implicou um certo sofrimento para o povo.

Mas agora, outra vez, nós estamos vislumbrando a possibilidade de crescer, e a economia está sendo reaquecida. Nós estamos tomando as medidas necessárias para o reaquecimento dessa economia, não porque haverá as eleições em 3 de outubro ou 4 de outubro. Eu não faria jamais nenhuma coisa, como não fiz, em outubro passado, pensando em termos eleitorais, mas porque está, efetivamente, na hora de fazê-lo. E quando nós dobrarmos a taxa de juros, lá atrás, dissemos que, progressivamente, iríamos recuperar os níveis das taxas de juros do ano passado. É o que nós já fizemos e vamos continuar a fazer.

Por isso, ao lado de um esforço grande do conjunto da economia brasileira, nós tomamos decisões na área agrícola, na semana passada, e reduzimos a taxa de juros para aquele que produz familiarmente na terra, o pequeno produtor e o microprodutor, baixando a taxa de juros, que era de 6,5%, para 5,75%, e, para o produtor maior, que era de 9,5%, para 8,75%.

Pois bem, nós baixamos, a partir de hoje, a taxa de juros, para quem está pagando a casa própria, da média de 9% para 8%. Baixamos a taxa

de juros e vamos fazer um sistema diferente, que vai diminuir a prestação da casa nova desde o início, porque nós vamos baixar de uma vez aquilo que seria correspondente ao conjunto dos meses.

Portanto, nós estamos dando mais recursos para a habitação, estamos permitindo que haja uma ampliação dos agentes que vão produzir a casa própria, através de sindicatos e associações, estamos baixando a taxa de juros e estamos diminuindo o peso da prestação. Mas tem mais ainda: estamos também dando à autoridade financeira, que vai emprestar, liberdade para que ela possa regular qual é o prazo do financiamento, para que ela possa se adequar às necessidades concretas ou às possibilidades concretas de pagamento.

Podem perguntar: "Mas, Presidente, por que não fizeram isso antes?" Nós estamos fazendo, progressivamente, todos os meses, estamos construindo um edifício novo no Brasil. Nós não podemos colocar o carro adiante dos bois. Os que pregam facilidades não têm noção da realidade brasileira, não têm sentido de responsabilidade. Só se pode dar o passo quando a rua está preparada. Nós só pudemos fazer isso agora porque conseguimos controlar a inflação. E depois da inflação, com dois ataques especulativos, em 95 e de novo em 97, nós resistimos à pressão externa, aguentamos o valor da nossa moeda, recomeçamos a fazer investimento no setor público e foi possível atrair capitais, como estamos atraindo do setor privado externo e interno, para retomar em ritmo mais sólido o crescimento.

Crescimento da economia e oferta de emprego não são milagres, são fruto de trabalho, seriedade e competência. Nós, no governo de São Paulo, como no Governo da República, temos trabalho e temos seriedade. Competência os senhores sabem que os nossos técnicos têm. E é por isso, Governador Mário Covas, que hoje, aqui, em Osasco, estou anunciando. Não estou prometendo nada, estou dizendo que estou assinando. Portanto, são decisões tomadas.

E o Presidente da República se orgulha de dizer que não toma decisões dessa magnitude por imposição política. Aqui estão ministros e aqui estão técnicos. Eles sabem que eu jamais telefonei a nenhum deles para dizer: "Faça isso, porque é do meu interesse político." Sempre pergun-

tei a eles o que é possível fazer de melhor para o interesse do povo. Quando é possível, nós fazemos. Quando não é possível, nós não fazemos.

É por isso, Governador, de uma maneira simples, direta, que vim a São Paulo, com toda clareza, para dizer a São Paulo que reconheço o trabalho do Governador Mário Covas, que reconheço o esforço na área da habitação e em muitas outras áreas mais e que o Governo Federal espera que nós possamos continuar, prosseguir nesta caminhada, que o Governo Federal tem absoluta confiança no rumo que o Brasil traçou para si mesmo. E sabe que um povo que foi capaz de compreender o Brasil em momentos tão difíceis, que apoiou o Real com energia, no momento necessário, que suportou a taxa de juros, que sofre o desemprego, mas que está vendo um horizonte melhor, vai continuar dando aquilo que nós precisamos ter: confiança. A mesma confiança que peço, hoje, depois que o nosso time perdeu, para que esse time volte a ganhar, com confiança.

Nós precisamos de vitórias e nós vamos ter vitórias. Aqui, hoje, nós estamos simplesmente, em um ato administrativo, abrindo o caminho para que São Paulo tenha mais e mais moradia para a dona de casa, para o funcionário, para o trabalhador, para que a família possa se sentir mais confortável e possa entender que Governo só serve quando ajuda ao povo.

Muito obrigado.